

Biblioteca do Instituto Nacional do Negro

(Órgão de pesquisas do Teatro Experimental do Negro)

Direção do Prof. GUERREIRO RAMOS

Relações de Raça no Brasil

*Abdias do Nascimento — Guerreiro Ramos —
Joaquim Ribeiro e Estanislau Fischlowitz —
Convocação e Temário do I Congresso do Negro
Brasileiro*



EDIÇÕES

Quilombo

RUA MAYRINK VEIGA, 13 — 2.º andar

RIO DE JANEIRO

1 9 5 0

Com o aparecimento do Teatro Experimental do Negro — T. E. N. — delinea-se em nosso país uma nova fase nos estudos sobre o negro. Até então o negro tem sido estudado como uma espécie de fóssil ou múmia cultural, ou quando menos, de um ponto de vista puramente descritivo (literário, antropológico, etnográfico, etc.).

O T. E. N., entretanto, constituiu-se em matriz de iniciativas e estudos que objetivam, de um lado, acelerar a integração das massas de homens de cor na sociedade brasileira e, de outro lado, examinar o nosso problema do negro à luz de uma sociologia militante que supere o vício do academicismo e indique rumos e soluções práticas.

Este livro, que inicia a Biblioteca do Instituto Nacional do Negro, encerra algumas idéias básicas que caracterizam o espírito do movimento que tem seu centro de gravidade no T. E. N.

Biblioteca do Instituto Nacional do Negro

(Órgão de pesquisas do Teatro Experimental do Negro)

Direção do Prof. GUERREIRO RAMOS

Relações de Raça no Brasil

*Abdias do Nascimento — Guerreiro Ramos —
Joaquim Ribeiro e Estanislau Fischlowitz —
Convocação e Temário do I Congresso do Negro
Brasileiro*



Edições Quilombo

RUA MAYRINK VEIGA, 13 — 2.º andar

RIO DE JANEIRO

1950

*Nesta primeira publicação do Instituto Nacional do Negro
reunimos os documentos fundamentais em que são delineados
os objetivos do Teatro Experimental do Negro.*

G. R.

ÍNDICE

Espírito e Fisionomia do Teatro Experimental do Negro por <i>Abdias do Nascimento</i>	7
Mission of the Brazilian Negro Experimental Theatre by Abdias do Nascimento, translated from the Portuguese by <i>James Ivy</i>	13
Uma experiência de Grupoterapia por <i>Guerreiro Ramos</i>	21
O Teatro Negro e seu instituto de pesquisa sociológica por <i>Abdias do Nascimento</i>	27
O negro no Brasil e um exame de consciência por <i>Guerreiro Ramos</i>	33
O Museu como sucedâneo da violência por <i>Guerreiro Ramos</i>	47
Objetivos do Museu do Negro por <i>Joaquim Ribeiro</i>	51
O século da questão racial por <i>Estanislau Fischlowitz</i>	57
Convocação e Temário do I Congresso do Negro Brasileiro	67

Espirito e Fisionomia
do
Teatro Experimental do Negro

ABDIAS DO NASCIMENTO

(Discurso pronunciado na A. B. I. no ato de instalação
da Conferência Nacional do Negro em maio de 1949)

HÁ muitas pessoas que não apreendem a relação entre uma iniciativa como esta Conferência que ora inauguramos e o Teatro Experimental do Negro. Nesta oportunidade, seja-me permitido tecer algumas considerações em tórno do assunto.

O Teatro Experimental do Negro não é, apesar do nome, apenas uma entidade de objetivos artísticos. A necessidade da fundação dêste movimento foi inspirada pelo imperativo da organização social da gente de côr, tendo em vista a elevação de seu nível cultural e seus valores individuais. Entretanto, o espírito associativo não é algo inato. Ou, melhor ainda, o espírito associativo é atributo da massa esclarecida e de elevado padrão cultural. Daí ser quase impossível, como se pode depreender da observação da vida brasileira, associar homens e mulheres em função, apenas, de objetivos sociais.

Reconhecemos no início de nosso empreendimento a necessidade de apelar para uma tática sociológica ou seja para um tipo de ação não idealística e tão pouco ideológica, mas sensível e ajustada à configuração psico-social, cuja transformação almejávamos. Com efeito, se estudarmos a vida das associações de homens e côr neste país, colheremos a lição de que a maioria delas têm fracassado precisamente por carecerem daquilo que poderemos chamar de atitude sociológica. Ora nasciam da revolta e organizavam-se somente para lutar — de modo direto e imediato — contra a injustiça e a discriminação de côr, agravando, assim, o processo de solução do problema de uma grande parte da população brasileira; ora inspiravam-se em intuítos políticos — algumas vêzes legítimos e a maioria das vêzes inconfessáveis — e, neste caso, serviam quase sempre a interesses pessoais. De um modo ou de outro, a vida de tais associações era efêmera ou, quando não, de vida atuante pre-

cária, delas resultando quase nada de positivo, a não ser um diversionismo inconseqüente.

Qual a razão disto? Por que motivo extinguiram-se, ou permanecem carecendo de importância, sem nenhum resultado em seus trabalhos, tantas sociedades de objetivos tão nobres e acertados, muitas até dirigidas por homens capazes? Parece-nos, e tudo o confirma, que o motivo estava e está, em que os *fins* dessas associações, embora fôsem algumas vêzes corretamente identificados, os *meios* de ação eleitos para atingi-los foram desadequados.

É êste um fenômeno muito comum na vida do grupo e do indivíduo. Identificados os objetivos, é necessário assegurar a eficácia dos meios para que o bom êxito seja obtido. Donde se conclui que os responsáveis por essas sociedades tiveram, em muitos casos, habilidade para a compreensão e uma inabilidade para a ação.

Há, portanto, em todo movimento social, a ordem dos *meios* e a ordem *fins*, ambas inter-relacionadas.

O Teatro Experimental do Negro pertence à ordem dos meios. Ele é um campo de polarização psicológica, onde se está formando o núcleo de um movimento social de vastas proporções. A massa dos homens de côr, de nível cultural e educacional normalmente baixo, jamais se organizou por efeito de programas abstratos. A gente negra sempre se organizou objetivamente, entretanto, sob o efeito de apelos religiosos ou interêsses recreativos. Os terreiros e as escolas de samba são instituições negras de grande vitalidade e de raízes profundas, dir-se-ia, em virtude de sua teluricidade. O que devemos colher desta verificação é que só poderemos reunir em massa o povo de côr mediante a manipulação das sobrevivências paideumáticas subsistentes na sociedade brasileira e que se prendem às matrizes culturais africanas.

A mentalidade da nossa população de côr é ainda pré-letrada e pré-lógica. As técnicas sociais letradas ou lógicas, os conceitos, as idéias, mal a atingem. A Igreja Católica compreendeu isto e o sucesso das missões na época colonial vem daí.

Não é com elocubrações de gabinete que atingiremos e organizaremos esta massa, mas captando e sublimando a sua profunda vivência ingênua, o que exige a aliança de uma certa intuição morfológica com o senso sociológico. Com estas palavras desejo assinalar que o Teatro Experimental do Negro não é, nem uma sociedade política, nem simplesmente uma associação artística, mas um experimento psico-sociológico, tendo em vista adextrar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento da classe média e superior da sociedade brasileira.

Isto tem sido o T. E. N. Desde sua fudação em 1944, criou aulas de alfabetização e de iniciação cultural, com a colaboração de ilustres intelectuais, como os professores Rex Crawford, então adido cultural à Embaixada Americana, José Carlos Lisboa, da Universidade do Brasil, Santa Rosa, Willi Keller, escritores Raimundo Souza Dantas, Guerreiro Ramos, José Francisco Coelho, Maria Yeda Leite, Irônides Rodrigues e muitas outras personalidades. Montamos três peças de Eugene O' Neill, auspiciadas pelo próprio autor — “Imperador Jones”, “Todos os Filhos de Deus Têm Asas” e “Moleque Sonhador”; uma de Lúcio Cardoso — “O Filho Pródigo”; dois recitais de poesias, de Castro Alves e de Cruz e Souza; lançamos os novos autores — Joaquim Ribeiro com “Aruanda” e José de Moraes Pinho com “Filhos de Santo”, as quais acrescidas de “Auto da Noiva”, de R. Fusco, iniciam a criação de um teatro, por assim dizer, regional brasileiro, assentado nas reminiscências míticas e no impulso místico dos negros. Neste ano, o T. E. N. se prepara para intervir nas comemorações do 2.^o centenário do artista ariano Goethe, representando uma de suas peças. Em estudo encontram-se “Calígula”, de Albert Camus, “Mulato” de Langston Hughes e “Don Perlimplin e Belisa”, de Garcia Lorca. Temos conseguido tudo sem agressividade. Por exemplo: levar domésticas e operários humildes para o palco do teatro de maior responsabilidade do Brasil: o Municipal; reunir em nossas festas e atos sociais diplomatas de várias embaixadas, a melhor sociedade do Rio. Tôdas essas têm sido ocasiões estimuladoras do desenvolvimento da personalidade, ensejadas pelo T. E. N. a negros e mulatos. E, ainda com absoluto sucesso, promovemos a valorização social das riquezas eugênicas da mulata e da negra através de concursos anuais da

“Rainha das Mulatas” e da “Boneca de Pixe”, realizando, assim, um programa de formação do gosto estético popular e de exaltação dos valores genuínos da civilização brasileira.

Tal é a fisionomia do T. E. N. A Conferência Nacional do Negro se integra nesse programa como instrumento de decifração do negro brasileiro. Com efeito, a população de côr, em virtude do seu baixo nível cultural, não tem a preparação necessária para definir os seus próprios problemas. Precisamos ouvir os estudiosos, consultar os entendidos e ouvir os próprios negros. É com êste fim que nos reunimos nesta semana, numa homenagem aos que lutaram pela libertação dos escravos e nos deram o 13 de maio, como nos reuniremos em setembro de 1950, no I Congresso do Negro Brasileiro, comemorando o centenário da extinção do tráfico escravista.

Mission of the Brazilian
Negro Experimental Theatre

by ABDIAS DO NASCIMENTO
Translated from the Portuguese
by JAMES W. IVY

(Publicado na revista "The Crisis"
editada nos Estados Unidos)

DESPITE its name the Negro Experimental Theatre is not just a theatrical organization with artistic goals. It is much more than that. It is a social movement which has grown out of the present social and economic conditions of Brazilians of color. Its general aims are to raise their cultural level and to enhance their individual worth. Although the associative spirit is certainly not innate, it is still much more likely to be a characteristic of enlightened groups on a higher cultural level than an attribute of the masses. This is why it has been rather difficult, as observations of Brazilian life would suggest, to get men and women to work together cooperatively for definite social goals.

At the very start of our undertaking we recognized that the problem with which we had to deal demanded use of an attractive sociological tactic, or at least some sort of non-idealistic action with a dash of ideology, that would be obvious and readily adaptable to the psycho-social patterns which we were attempting to change. As a matter of fact, study of the experiences of the associations (1) organized by Brazilians of color teach the lesson that the majority failed precisely because they lacked what might be called, in place of a better term, "the sociological attitude". Some were born of revolt and organized merely to fight (by means of direct action) against injustice and color discrimination. But instead of

1. Among such associations have been the Civic Center of Palmares (1920-26), the Brazilian Negro Front (1931-37), the May 13th Club, November 15th Club, and many others. (Translator's note).

solving they merely intensified the problems of a large segment of the Brazilian people. At the other end are those groups which were inspired by political considerations (sometimes legitimate, but often not) and which have almost always been the handmaidens of private interests. Thus in one way or another the life of such associations has been ephemeral, or they led such a precarious existence that they produced nothing of positive value; except, perhaps, a momentary diversion.

How explain this? Why was it that these organizations either disappeared or lost whatever effectiveness they might have had without leaving any tangible benefits, as so many of them did despite their noble aims and practical goals, even when guided by exceptional men? My own idea is that (and the facts support my point of view) though their goals were often correctly fixed the means selected to attain them were inadequate.

This is a commonplace phenomenon in the life of every group and individual. In order to fix our goals, we must at the same time be sure of the effectiveness of the means we are going to use to achieve them. A valid conclusion, therefore, is that the leaders responsible for organizing these groups had more skill at comprehension than ability for achievement. Every social movement, however, has to consider the unavoidable question of means and ends, since they are inseparable.

Therefore the Negro Experimental Theatre addressed itself to the problem of means. This was our field of psychological polarization to be used as a base for a far-reaching social movement. Because of the low cultural and educational status of the mass of colored Brazilians, they can ever be organized through the appeal of a purely abstract program. They must be organized through the magnetic appeal of their religious and recreational interests. We already have these handy in

the *terreiros* (2) and samba schools (3), Negro institutions of great vitality and with such deep roots that they might be called telluric. Hence our conclusion that we can unite people of color, in the mass, only through manipulation of those *paideumatic* [Leo Frobeniu's term for the "soul of a culture"] survivals in Brazilian society, and these are to be found, it so happens, in our persistent African cultural elements.

The mentality of our colored population is still pre-literate and prelogical; learned and logical social techniques, concepts, and ideas are yet to be realized. The Catholic Church understood this and during the colonial period the success of its missions was based on this truth. Successful organization of the Negro masses cannot, therefore, be based upon ivory-tower thinking. It demands utilization of their natural mode of life, with a certain morphological awareness, in conjunction with sociological direction.

It is with this kind of explanation that I wish to point out that the Negro Experimental Theater is neither a political organization nor a simple art group. It is a psycho-sociological experiment whose aim is to gradually raise the level of deportment of Brazilian Negroes up to those standards prevailing

2. *Terreiro* has various acceptations: place where an Afro-Brazilian fetishistic cult ceremony is held, the ceremony itself, or the temple grounds of such a cult. Here it refers to the cult and its ceremony. African in origin, these religious societies are vigorous and intimate parts of the lives of thousands of Brazilians of color. Common name for them in Bahia is *candomblé*, but they are known under different names in other parts of the country. or a good non-technical explanation of the *candomblés* of Bahia, consult Edison Carneiro's "The Structure of African Cults in Bahia, *The Journal of American Folk-Lore*, Vol. 53, N.º 210, pp. 271-278. (Translator's note).

3. Samba schools or *escolas de samba* are folk institutions which compose lyrics and perfect new samba steps for the carnival parade on the *Praça Onze* in Rio. "The *Praça Onze*", explains Dr. Arthur Ramos in *O Folk-Lore Negro do Brasil*, "is the frontier between Negro and white-European culture. It lacks precise boundaries, but it is wherever there is an inter-penetration of institutions and a mutual interchange of cultures". One of these samba schools, that of Rodrigues Alves, also wages a campaign against illiteracy. (Translator's note).

in Brazilian middle and upper-class life. This has been the function of the Negro Experimental Theater.

Since its founding in 1944, it has established schools for instruction in reading and writing and has started cultural programs with the help of such illustrious intellectuals as professors William Rex Crawford [author of *A Century of Latin-American Thought* (1944)], at one time cultural attaché to the American Embassy in Rio; José Carlos Lisboa, of the University of Brazil; Santa Rosa, and Willi Keller; writers like Raimundo Souza Dantas, Guerreiro Ramos, José Francisco Coelho, Maria Yeda Leite, Ironides Rodrigues, and many other notable figures.

We have produced three of the Negro plays of Eugene O'Neill (4), under the direction of the author of this article: *The Emperor Jones*, *All God's Chillun Got Wings*, and *The Dreamy Kid*; an original play, *The Prodigal Son*, written for us by Lucio Cardoso; two poetry recitals, one of the poems of Castro Alves (5); the other, those of Cruz e Sousa (6).

4. In a letter (December 6, 1944 to Sr. Nascimento, O'Neill wrote, in part: "I herewith give you permission to stage *The Emperor Jones* without any payment to me, and wish you all the success in the world for the Negro Experimental Theater. I am familiar with the conditions you describe in regard to the Brazilian theater. We had similar conditions in our own theater before *The Emperor Jones* was staged New York in 1920 — serious roles would always be played by white actors in black face, with the exception of musical comedy and vaudeville, where a few Negroes had achieved success. After the great success of *The Emperor Jones*, played originally by Charles Gilpin and later by Paul Robeson, the way was open for the Negro as a serious actor. Now the great difficulty is the lack of suitable plays. But I am expecting Negro dramatists of real merit to meet this need. In whatever situation you find yourself you may count on my cooperation..." Role of Brutus Jones was played by the well-known Rio Negro lawyer, Agulnaldo Camargo. (Translator's note).

5. Antonio de Castro Alves (1847-1871) was called the "poet of the slaves". His two most famous anti-slavery poems are "Voices from Africa", called by the late Dr. Isaac Goldberg "the Eli, Eli, lama sabachthani of the black race", and "The Slave Ship" (Translator's note).

6. João da Cruz e Souza (1862-1898), a pure-blooded Negro, has been termed by the Brazilian critic Andrade Muricy "the major modern poet" of Brazil. Ignoring the problem of race, Cruz e Souza took refuge in a Baudelairean Satanism. His anniversary was celebrated in Brazil last November 24, 1948 (Translator's note).

We have launched two new authors : Joaquim Ribeiro, with *Aruanda*; and José de Morais Pinho, with *Children of the Saint*; in addition to the *Auto da Noiva* of Rosario Fusco; thus inaugurating, so to speak, a Brazilian regionalism based upon the mythical beliefs and impulses of the Negro.

The Negro Experimental Theater is planning this year to participate in the bicentennial of the Aryan artist Goethe by producing one of his plays. We are also producing the *Caligula* of Albert Camus and the *Mulatto* of Langston Hughes, both now in rehearsal. Introducing domestics and humble workers, for example, to the theatrical stage, as well as putting the best Rio society and members of the Rio diplomatic corps (7) in touch with our festivities and social activities, is one of the major responsibilities of Brazil and its national theater. Such stimulating occasions help in the development of personality and are opportunities which have been made available to Brazilian Negroes and mulattoes through the instrumentality of the Negro Experimental Theater.

And we are successfully giving social "valorization" to the engenic riches of the black and mulatto woman through our annual *Boneca de Pixe* and *Rainha das Mulatas* contests (8). It is in this way that we are carrying out a program for the development of popular appreciation of beauty and the exaltation of the best values in Brazilian civilization. We shall soon start the National Negro Institute as an organ of

7. At the festival held in the ballroom of the Botafogo de Futebol e Regatas Club on May 13, 1948, following a beauty contest, NET got out such notables as the cultural attachés of the Argentine and Spanish embassies, representatives from the Venezuelan and Chilean embassies, and many notable writers and artists. (Translator's note).

8. Winner of the *Boneca de Pixe* or beautiful black-woman contest in 1948 was 17-year-old Maria Teresa. Mercedes Batista, of the corps de ballet of the Municipal Theater, was elected *Queen of Mulatto Women* in 1948. The *boneca de pixe* is the "tar-baby" of Brazilian-Negro folk-lore and figures in a series involving the *jaboti* or Brazilian turtle. Only *pretas* or black women were eligible for the beautiful black woman contest. Even brown-skinned women were disbarred. (Translator's note).

NET, along with a group-therapy school, offering courses in dancing, choral singing, and acting.

Such is the physiognomy and spirit of the Negro Experimental Theater. In, fact, the Brazilian colored population, by virtue of its low cultural status, lacks the necessary preparation for a clear understanding of its own problems. The Experimental Theater proposes to be this indispensable instrument to help in the mental and psychological liberation of the Brazilian Negro.

Uma experiência de Grupoterapia

GUERREIRO RAMOS

(Artigo publicado em "A Manhã")

A Conferência Nacional do Negro, que se encerrou há pouco nesta capital, embora fôsse coroada de absoluto sucesso passou despercebida a muita gente.

Muitos resultados serão colhidos dêste certame, de construtiva influência na vida brasileira. Nesta oportunidade, porém, desejo assinalar apenas um aspecto, que julgo de capital importância e que caracteriza o movimento do Teatro Experimental do Negro como uma das iniciativas de maior gravidade e profundidade na vida cultural do país.

Com efeito quem se der ao trabalho de ler o discurso com o qual o Sr. Abdias Nascimento instalou aquêlê conclave verificará que o conhecido líder descobriu uma pista *jamaiz* suspeitada entre nós, ou seja, a de pelo teatro adestrar os homens de côr nos estilos de comportamento de classe média e superior. Retoma, assim, êste negro a significação original do teatro como processo catártico, numa poderosa intuição artística e sociológica.

Com êste achado, consegue Abdias Nascimento transformar a luta de classe num processo de cooperação, fazendo de seu trabalho um fator de equilíbrio e de compreensão social, de inestimável importância.

Não estamos, pois, diante de mais um explorador da ignorância das populações de côr. Definindo o Teatro Experimental do Negro, como um "experimento psico-sociológico", o seu criador faz lembrar o famoso Grupo de Oxford com os seus intentos de renascença religiosa e o grupo francês de *L'Ordre Nouveau*, inspirado pelo saudoso filósofo Arnaud

Dardieu e também orientado para a reconstrução social através da pessoa humana.

Não há, é prudente observar, uma semelhança de espécie entre o T. E. N. e os movimentos europeus acima citados, mas, tão somente, uma semelhança formal, ou de métodos.

A técnica social do T. E. N. pode ser chamada de grupoterapia. Ela encontra similar na técnica do *psicodrama* e do *sociodrama* de J. L. Moreno que dirigê dois teatros psicoterapêuticos em Beacon Hill, e em New York. O T. E. N., não é orientado truculenta e agressivamente contra o preconceito de cor. Ao contrário, proclama, pela palavra de seu criador, não ser esta a tática acertada a ser usada em "nossa" questão racial, tão diferente da norte-americana. *Ele* é um campo de polarização psicológica, onde o homem encontra oportunidade de eliminar as suas tensões e os seus recalques.

A própria Conferência do Negro, foi presidida por esta orientação. Nela se reuniram, brancos, como o Sr. Paul Shaw, representante da O. N. U., o Prof. Arthur Ramos, o prof. Roger Bastide, o prof. Castro Barreto, a srta. Elza Soares Ribeiro, o Dr. Cumplido Santana, o prof. Ronald Hilton e vários outros, e homens de cor como Ironides Rodrigues, Guiomar Ferreira de Matos, Maria Nascimento, Isaltino, Pompilio, Aldemário, Romão, Ruth de Souza, Rodrigues Alves e outros.

Tôdas as assembléias da Conferência nada mais foram que experiências grupoterápicas. E, para confirmá-lo, seja-me permitido assinalar algumas situações que ali ocorreram.

Um conferencista negro manifesta a opinião de que os negros devem pedir ao govêrno, ou construir uma espécie de Casa do Negro. Vários homens de cor combatem a idéia, mostrando que os homens de cor devem viver nas próprias associações dos brancos e a assembléia compreende que o que se propunha equivaleria à criação de quistos e divisionismos na sociedade brasileira.

Outro orador afirma que a finalidade da Conferência deveria ser protestar contra o preconceito de côr e pergunta à mesa se esta não entende assim. Responde um membro da mesa que *não* : que a Conferência tinha um sentido positivo e considerava secundária a questão do preconceito de côr. Forma-se na assembléia um ambiente de estupefação e de choques potenciais. Alguém, na mesa, entretanto, encontra um recurso terapêutico e diz : “Esta é a orientação da mesa ; a assembléia, entretanto, é soberana e pode pensar como quiser”.

Dois ou três oradores levantam-se para acusar o mulato e o negro de classe superior como adversários e até inimigos dos negrões de classe inferior. Travam-se vários debates, e, por fim, a assembléia compreende ser êste um fenômeno natural, de luta de classes e não uma questão racial.

É necessário observar que estas tantas e outras discussões foram sofridas pelos participantes da Conferência, sempre pródigos em depoimentos pessoais.

Sem dúvida, os que participaram da Conferência Nacional do Negro saíram dela melhores do que nela entraram.

*O Teatro Experimental do Negro
e seu instituto de pesquisa sociológica*

ABDIAS DO NASCIMENTO

(Discurso pronunciado na A. B. I. na oportunidade
da inauguração do Instituto Nacional do Negro)

DESDE seus projetos iniciais figurou, no esquema da constituição do Teatro Experimental do Negro, a criação de um departamento especializado que se encarregaria de executar estudos e pesquisas de tudo que se relacionasse com o negro, quer sob o ponto de vista cultural, sociológico, histórico, biológico, antropológico, lingüístico ou religioso. O Teatro Negro, desde seus primeiros vagidos, levantou sua voz tentando chamar a atenção das figuras mais representativas da nossa elite para o seu programa que incluía desde a alfabetização do homem de côr, a aprendizagem da técnica de representar o drama, a educação social e cívica, a introdução na esfera da alta cultura, num esforço de valorizar o negro socialmente, de impulsionar a sua definitiva integração na nacionalidade, livre de recalques e complexos de inferioridade, mas sim numa positiva afirmação de personalidade criadora. Era um trabalho insano de verdadeira reconstrução interior do negro. Mas a verdadeira intimidade do negro, seus problemas mais sentidos, sua estrutura psicológica, eram e ainda são desconhecidos. Fomos por isso rodeados pelo ceticismo de muitos, pela incompreensão de outros e podemos dizer sem mágoa, pela oposição de alguns brancos e negros. Muitos negavam legitimidade à existência de um teatro negro num país onde o negro é igual ao branco. Outros duvidavam que o homem de côr tivesse qualquer mensagem especificamente negra, que o prêto pudesse ter autonomia em sua manifestação artística. Outros mais se opunham a que o negro interpretasse as obras do teatro universal, sob a insinuação nem sempre bem formulada de que devíamos nos ater sòmente ao gênero folclórico que na linguagem vulgar se traduziria por tipos de "pai João", "mães pretas" e de meninos de engenho levando cascudos.

Felizmente vieram dos Estados Unidos ao encontro da nossa aflição e abandono das primeiras horas as palavras generosas e estimuladoras. Eugene O'Neill, o grande nome universal do teatro moderno solidarizou-se conosco em nosso sonho de redimir o negro através do teatro, de, por intermédio de um palco e do que êste significa como veículo de cultura, dar uma nova dignidade ao negro. Hoje que nosso Teatro conta com cinco anos de vigência, podemos afirmar que conseguimos — respeitadas as precariedades dos nossos meios de ação — caminhar bastante na estrada daquela valorização, sempre fiéis à intenção primeira do grupo. Entretanto o mundo do negro em todos os aspectos é uma manifestação complexa de elementos individuais e sociais. Para se chegar à sua intimidade emocional, ao seu comportamento na vida cotidiana, decifrar e revelar ao próprio negro, seus problemas, a fim de que êle pudesse fixar rumos para o futuro, era mistér que o Teatro Experimental do Negro se socorresse do auxílio indispensável da ciência. Não era possível retardar mais a criação do nosso Departamento de Estudos sem prejudicar fundamente uma obra que vinha se afirmando e se impondo em todo o país e no estrangeiro. Pela primeira vez na história do negro brasileiro, êle se projetou além fronteiras como portador de um legado cultural autêntico, e outra não é a significação do gesto da União Pan-Americana que acaba de patrocinar uma exposição, em sua sede em Washington, das realizações do Teatro Negro.

O Instituto Nacional do Negro que hoje inauguramos está pois destinado a encher na vida do negro um lugar preponderante para a sua valorização e resgate cultural mais amplo que a pura atividade teatral. Naturalmente não pretendemos impôr aos nossos irmãos de côr uma forma de cultura, uma maneira de comportamento e menos ainda uma moral de conduta. Como membros dessa mesma comunidade, participando de suas mais sutis nuances de sensibilidade, com a maior preocupação de averiguar, pesquisar e revelar suas manifestações em tôdas as ordens de sua vida, nos propomos modestamente

saber e conhecer sua forma particular de encarar a vida da cultura e as relações sociais. Repetimos nossa intenção de não impor um padrão de arte nem de saber, sinão que averiguaremos humildemente em nós mesmos e em todos aqueles que se acercarem do Instituto, os meios de elevar o negro para o seu aproveitamento verdadeiro e legítimo da vida na sociedade.

Para a concretização da idéia dêsse Instituto esbarramos com a mesma dificuldade dos primeiros dias : uma pessoa capaz, para dirigi-lo. Um intelectual que aliando saber e cultura, fôsse capaz de se confundir confôscos, trazer a cultura para o meio da rua, para os morros, para os porões miseráveis onde sofre a vida a grande multidão escura. «A quem entregar a enorme responsabilidade dessa tarefa de ciência e humanidade ?

O professor Alberto Guerreiro Ramos, amigo pessoal da primeira hora, foi, talvez, um daqueles céticos a que já nos referimos. O jovem e ilustre poeta chegado havia pouco da Bahia, precedido pelas trombetas da crítica que saudou seu livro de poesias "O Drama de ser Dois", aparecido em 37, como uma das vozes mais fortes e singulares do movimento de renovação literária do país, seria o homem indicado. Em seu livro de ensaio, "Introdução à Cultura", de 1939, já se destaca a configuração de um intelectual que compreende "a cultura como uma construção da vida", acompanhando Ortega Y Gasset quando pensa que "viver é tratar com o mundo, dirigir-se a êle, atuar sôbre êle, ocupar-se dêle". Mas além disso Guerreiro Ramos, professor co-fundador da Faculdade de Filosofia da Bahia, com profunda displicência e desdém pelos títulos e cargos honoríficos, sé afirmava na Metrôpole com a mesma pujança e brilho de sua atuação na província, tendo sido indicado para substituir na Faculdade Nacional de Filosofia ao prof. André Gros, da Universidade Francesa, na cadeira de Política. Suas atividades intelectuais no entanto se espraiaram por vários setores, marcando sua passagem no Departamento Nacional da Criança, durante a qual, como regente da cadeira de Pro-

blemas Econômicos e Sociais do Brasil, elaborou uma nova concepção da solução do problema da mortalidade infantil. Proce-
deu à integração da medicina e sociologia, deu categoria socio-
lógica a um problema que permanecia restrito ao âmbito da
medicina. Representando o Departamento Administrativo do
Serviço Público na recente Conferência de Imigração e Coloni-
zação de Goiânia teve atuação destacada principalmente na defesa
de uma política imigratória de igualdade racial, defendendo
ainda com seu ardor peculiar a criança brasileira, com a auto-
ridade que lhe reconhecem os especialistas e mesmo os leigos
em contacto com seus trabalhos publicados, entre os quais
"Aspectos Sociológicos da Puericultura", "As Implicações
Sociológicas da Puericultura", "Uma concepção multidimensio-
nal do Comportamento", etc.

O prof. Guerreiro Ramos, tem ainda regido cursos na Uni-
versidade Rural, no Dasp, no Clube de Aeronáutica, examinado
na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, e
viajado por vários Estados pronunciando conferências cientí-
ficas, principalmente sobre o problema da proteção da criança
brasileira.

Ocupando um lugar eminente na sociologia brasileira, êsse
mulato que a princípio se mostrara arredo a uma colaboração
com o Teatro Experimental do Negro, talvez em virtude de
maturação cultural e de uma maior intimidade com a vida
mesma, numa nova investida após cinco anos, accedeu em
assumir a direção do novo órgão. O negro precisa e quer
existir. Cumpre agora ao Prof. Guerreiro Ramos transformar
o Instituto Nacional do Negro, que neste momento passamos à
sua direção, numa alavanca dêsse impulso, dêsse anseio im-
postergável.

O Negro no Brasil e um Exame de Consciência

GUERREIRO RAMOS

(Discurso pronunciado na A. B. I. por ocasião
da instalação do Instituto Nacional do Negro)

HÁ cinco anos um negro modesto reuniu alguns amigos e fundou o Teatro Experimental do Negro. Antes dêle muitos homens de côr organizaram também associações de homens de côr. Sabiamos que quase tôdas tinham sido culturas de recalques ou seja agremiações constituídas sôbre o equívoco de que o negro, para elevar-se, precisava isolar-se a fim de lutar contra o preconceito de côr. Desta maneira tais associações se tornavam, como é lógico, centros de inquietação social. Outras vêzes, tais associações não passavam de agremiações pitorescas em que os individuos se reuniam para fins recreativos.

Há cinco anos surgia no Rio o Teatro Experimental do Negro. Era mais um clube de diversões (parecia a principio) e, em seguida, apos algumas atividades, tais como a Convenção Nacional do Negro parecia que se tratava de mais um centro de cultura de recalques, em que alguns negros "freudizados" se reuniam para carpir o destino da raça. Parecia.

Há cinco anos passados, o fundador do T. E. N. me procurava para obter o meu apoio à sua iniciativa e eu o despistei, como se despista a um demagogo e a um negro ladino.

Ficou, entretanto, dêste encontro a curiosidade pelo movimento. Acompanhei o T. E. N. Várias conversas, vários encontros com o fundador do T. E. N. E em certo momento vi, enxerguei a intuição que Abdias Nascimento carregava em si; vi, enxerguei a pista jamais suspeitada que êle estava abrindo na vida nacional.

Para um homem pegado de mau jeito pela sorte, como o que vos fala, e que está ainda com a vida por organizar,

esta descoberta representava uma maçada. Uma maçada porque me obrigava a uma decisão, que honestamente só poderia ser uma : a de tornar-me um aliado de Abdias Nascimento, na realização da sua obra pela valorização do homem de côr. Ai dos homens para quem as idéias existem !

A fôrça daquela intuição venceu as minhas resistências e até mesmo o meu escrúpulo em confundir-me com certo tipo de reivindicador contumaz.

O T. E. N. é fruto de uma profunda compreensão das peculiaridades do problema do negro no Brasil. Mal egressa da escravidão, a população negra em nosso país entrou para a vida republicana econômica, cultural e psicologicamente despreparada. Economicamente, tôda esta população constituia o grosso das classes de baixo poder aquisitivo. Culturalmente, ela se apresentava afetada quase totalmente de analfabetismo e psicologicamente, tal população carecia dos estilos mentais adequados à vida civil superior.

É êste todo um complexo psicológico-social elaborado em cêrca de quatro séculos. Complexo que se exprime em atitudes que têm um longo passado e fundamente arraigadas na alma nacional e numa estrutura de classes rigidamente tecida, trabalho de cêrca de quatro séculos de dominação do branco e do brancóide.

O negro livre tem a idade formal de 61 anos. Mas na verdade 61 anos é muito pouco tempo para se mudar o estilo espiritual de u'a massa. 61 anos é muito pouco tempo para se transformar o estilo espiritual da população brancóide que cêrca de quatro séculos se iniciaram no hábito de servir-se dos homens de côr como instrumento.

61 anos é muito pouco tempo para tanto, sobretudo se se deixa o processo desta transformação entregue a si mesmo, ao livre jôgo dos fatores.

O idealismo utópico dos homens do Império e da República fazia da liberdade uma condição jurídica. Animados por este idealismo utópico, os homens da Abolição deram ao negro a condição jurídica de cidadão livre. Mas sabe-se, hoje, que a liberdade é mais do que uma condição jurídica, é uma situação complexa, dinamizada por fatores psicológicos e sociais numerosos.

A condição jurídica de cidadão livre dada ao negro foi um avanço, sem dúvida. Mas um avanço puramente simbólico, abstrato. Sócio-culturalmente, aquela condição não se configurou; de um lado porque a estrutura de dominação da sociedade brasileira não se alterou; de outro lado, porque a massa juridicamente liberta estava psicologicamente despreparada para assumir as funções da cidadania.

Assim para que o processo de libertação desta massa se positive é necessário reeducá-la e criar as condições sociais e econômicas para que esta reeducação se efetive. A simples reeducação desta massa desacompanhada de correlata transformação da realidade sócio-cultural representa a criação de situações marginais dentro da sociedade.

É necessário instalar na sociedade brasileira mecanismos integrativos de capilaridade social capazes de dar função e posição adequada aos elementos da massa de cor que se adestrem nos estilos de nossas classes dominantes.

O processo de libertação da gente de cor precisa ser submetido a uma técnica.

Não aquela técnica do messianismo que atribui à raça negra uma missão discutível. O "otimismo quiliástico ou milenarista" de certa camada da gente de cor é uma afeição mórbida, um mecanismo de compensação, resultante de certa incapacidade de ação.

Não é também a técnica de orientação ideológica, segundo a qual a gente de cor precisa reunir-se em forma de partidos para reivindicar os seus direitos. Tal técnica corresponde a

um incorreto diagnóstico dos problemas do negro no Brasil e a uma incompreensão da própria contingência histórica.

Uma modificação substancial das condições de nossa gente de côr não depende de uma transformação política, simplesmente. Por ventura, se um partido de negros subisse ao poder, os problemas da gente de côr ficariam resolvidos? Só os ingênuos acreditam nisto, só os ingênuos não percebem que a verificação de tal hipótese representaria um retrocesso, ou uma agressão, pois o homem de côr, entendido como homem-massa, não está habituado às funções de mando, as quais, como é sabido, supõem uma longa aprendizagem.

Qualquer movimento da gente de côr edificado sôbre uma destas duas técnicas está fadado ao fracasso e, ainda, constitui-se em fator de inquietação, retardativo da recuperação cultural da gente negra.

Disse que Abdias Nascimento descobriu uma pista jamais suspeitada na vida brasileira. O movimento que êle criou não tem precedente, nem similar. O Teatro Experimental do Negro é, pelos seus objetivos, um dos empreendimentos mais audaciosos na vida cultural do nosso país. Cada dia que passa, êle ganha em profundidade.

Recentemente, definindo o espírito e a fisionomia do T. E. N. assim se expressou Abdias Nascimento :

“O Teatro Experimental do Negro pertence à ordem dos meios. Êle é um campo de polarização psicológica, onde se está formando o núcleo de um movimento social de vastas proporções. A massa dos homens de côr, de nível cultural e educacional normalmente baixo, jamais se organizou por efeito de programas abstratos. A gente negra sempre se organizou objetivamente, entretanto, sob o efeito de apelos religiosos ou interêsses recreativos. Os terreiros e as escolas de samba são instituições negras de grande vitalidade e de raízes profundas, dir-se-ia, em virtude de sua teluricidade. O que devemos colhêr desta verificação é que só poderemos reunir em massa

o povo de côr mediante a manipulação das sobrevivências pai-deumáticas subsistentes na sociedade brasileira e que se prendem às matrizes culturais africanas.

A mentalidade da nossa população de côr é ainda pré-letrada e pré-lógica. As técnicas sociais letradas ou lógicas, os conceitos, as idéias, mal a atingem. A Igreja Católica compreendeu isto e o sucesso das missões na época colonial vem daí.

Não é com elocubrações de gabinete que atingiremos e organizaremos esta massa, mas captando e sublimando a sua profunda vivência ingênua, o que exige a aliança de uma certa intuição morfológica com o senso sociológico. Com estas palavras desejo assinalar que o Teatro Experimental do Negro não é, nem uma sociedade política, nem simplesmente uma associação artística, mas um experimento psico-sociológico, tendo em vista adestrar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento da classe média e superior da sociedade brasileira”.

Este trecho é uma condensação de sabedoria. Há uma centelha de gênio, nesta colocação do Teatro. A princípio, tal amplitude atribuída ao teatro espanta-nos. Mas à medida que nos recobramos da surpresa percebemos que o teatro é, realmente, a essência de tôda a vida.

Deus mesmo é um comediante e o universo o seu teatro. Todos os livros sagrados narram dramas divinos e, em certa cidade do Ocidente, um mortal registrou a divina comédia para deslumbramento de nossos olhos.

O mundo é o teatro do homem. Também o homem é um comediante.

Ocorre, porém, que o nosso mundo, o Ocidente, tem sido principalmente o teatro do homem branco. Quase tudo aí representa um precipitado histórico da alma do homem branco. Algum papel tem representado aí o homem de côr, mas ordinariamente de caráter secundário.

Os conteúdos de nossa cultura, como bem demonstrou Georg Simmel, em seu ensaio sobre a cultura feminina, não são neutros, decorrem de uma complicada compenetração de motivos históricos e psicológicos.

O negro tem sido matéria predileta, no Ocidente. Foram os homens brancos que criaram a arte e a indústria, a ciência e o comércio, o Estado e religião, no Ocidente. Assim, se se assegurasse em nossa civilização ao homem de cor uma certa franquia emocional, "isto significaria, sem dúvida, o descobrimento de um novo continente cultural".

André Gide, reconhecendo as possibilidades de objetivação cultural do negro dizia recentemente que os homens de cor precisavam ser ouvidos, tema aliás, mais extensivamente retomado por Jean Paul Sartre, num magnífico ensaio, "Orphée Noir".

O branco — diz Sartre — desfrutou três mil anos do privilégio de ver sem ser visto; ele era olhar puro, a luz dos seus olhos tirava todas as coisas da sombra natal, a brancura de sua pele era ainda um olhar puro, a própria luz condensada. E, reportando-se à moderna poesia negra de língua francesa, que ele considera *la seule grande poésie révolutionnaire*, de nossos dias, escreve :

"Hoje, estes homens negros nos olham e nosso olhar reentra em nossos olhos; tochas negras, por sua vez, iluminam o mundo e nossas cabeças brancas não são mais que pequenãs lanternas balançadas ao vento. Um poeta negro, sem, ao menos, dar-se conta de nós, segreda à mulher que ama :

"Mulher nua, mulher negra

Vestida de tua cor que é a vida...

Mulher nua, mulher obscura,

Fruto maduro de carne dura, sombrios extases de vinho
[negro.]"

e nossa brancura nos parece, um estranho verniz pálido que impede nossa pele de respirar, um *maillot* branco, vestido até os cotovelos e os joelhos, sob o qual, se pudéssemos tirá-lo, se encontraria a verdadeira carne humana, a carne côr de vinho negro". (*Presences Africaines*, n.º 6 pág. 9).

O homem de côr viveu sempre tutelado no Ocidente. Introduziram-lhe aí e lhe deram alguns papéis para representar e até recentemente em tôda a parte do Ocidente, êle permaneceu segregado em grandes aglomerados, imerso em sua mentalidade pré-lógica. Tendo êle próprio assimilado os padrões culturais do homem branco passou a ver-se a si mesmo inclusive e à sua herança cultural através dos padrões culturais do homem branco. Assim, o homem de côr, especialmente o pouco instruído, é vítima de uma profunda ambivalência psicológica que o faz hesitar entre as sobrevivências das culturas negras e os traços culturais representativos do Ocidente.

A pesquisa sociológica e antropológica tem provado, à saciedade, esta ambivalência.

Por tôda parte, onde culturas negras estabeleceram comércio com os valores ocidentais, ela se registra. Mas esta ambivalência, embora dolorosa, é a matéria-prima da subjetividade negra. Ela tem sido para o homem de côr o aguilhão que o mantém vivo, esperto e criador. As forças da alma negra longamente represadas constituem atualmente a maior reserva de vitalidade de nossa civilização. Quando tudo nesta civilização, quasi inteiramente construída pelo esforço do branco, parece gasto, quando o impulso anímico desta civilização parece totalmente objetivado, quando tôda a cultura já se transformou em civilização ou em burocracia, reponta uma esperança de salvação, descobre-se neste mundo uma mina inusitada, a alma negra, a subjetividade negra. Esta é a hora do homem de côr.

A reserva anímica do homem de côr já se entremostra em tôda parte. Tôda vez que lhe dão oportunidade para exprimir-se, ela extasia os sentidos cansados do homem branco.

Esta reserva anímica reponta numa cosinha famosa e picante, tão viva e estranha que mantém uma indústria turística. Reponta numa música, de índole exquisita, como o samba, o blue, o jazz, o bebop, o "spiritual"; na poesia de sabor passional dos Langston Hughes e dos Solano Trindade; numa religião sincrética em que o dogma cristão se alia ao primitivismo; numa indumentária pitoresca, num folclore riquíssimo e em tantas outras expressões.

É importante observar que êste potencial anímico não se está empregando como um explosivo, mas como uma força de revitalização, dentro do Ocidente. O homem branco habituou-se com a sua criação e está empedernido. E êste empedernimento se exprime, por exemplo, em sua arte abstracionista, depauperada de paixão. Sua arte sofisticou-se em engenharia. E aí estão a atual música de engenheiro, pintura de engenheiro, poesia de engenheiro.

O homem de côr, porém, mal egresso de seu primitivismo, é portador de extraordinária disponibilidade espiritual. Tem a capacidade de ver tudo como se fôsse pela primeira vez, de ver tôdas as formas em seu estado incoativo e quando terça os refinados estilos do branco empresta-lhes uma autenticidade que êles pareciam ter perdido.

Utilizando os mesmos veículos de expressão do branco, o homem de côr manifesta o seu espírito em estado nascente.

Um americano ilustre me confessou que nunca viu um *Imperador Jones*, tão convincente como o que o negro Aguiinaldo Camargo representou na montagem do T. E. N.. Quem tenha visto Ruth de Souza no palco, não pode deixar de atestar, nesta atriz, um grande poder de persuasão. Os dramas a que ambos emprestam o seu talento se enriquecem de uma genuinidade que decorre da passionalidade que os anima.

Também sêres passionais são um Solano Trindade, o João de Deus da poesia brasileira, que se utiliza dos trens do subúrbio para viajar no universo; Ironides Rodrigues, La Bête

enamorada de Greta Garbo, cuja fidelidade à arte desafia a fome; Abigail Moura, maestro e compositor de gênio; Raimundo de Souza Dantas, com as suas núpcias comoventes com as letras e Cleo Novarro, fantástica rosa dos ventos.

Estes e muitos negros ingressados na cultura que o homem branco elaborou estão devolvendo a essa cultura, quase extenuada, a sua significação pristina.

Não é sem motivo que em tôda parte do mundo se está verificando uma tomada de consciência da subjetividade negra. É um evento que nada tem de assustador. Ao contrário, é um sintoma de convalescença de nossa civilização.

Os governos das democracias capitalistas parecem estar percebido que a consagração da restrição dos direitos das massas dos homens de côr pode incliná-los à adesão às ideologias que se nutrem do ressentimento. A sábia política do Presidente Truman é uma resposta hábil às contingências peculiares de nossa época. É significativo que êle esteja empenhando-se em assegurar, nos Estados Unidos, a plena emancipação jurídica da gente negra.

Por sua vez, as Nações Unidas, inspiradas por um ideal de conciliação de tôdas as raças, tendo disto dado provas efetivas, confiando ao negro Ralph Bunche uma das missões de importância mais decisiva para a paz mundial, constituem um dos mais poderosos estimulantes desta tomada de consciência.

O Teatro Experimental do Negro é, no Brasil, a única instituição em seu gênero que encarna êste espírito de conciliação. Êle não é uma semente de ódio. É uma entidade pela qual os homens de côr do Brasil manifestam sua presença inteligente e alerta a um apêlo do mundo.

É com êstes objetivos que se instala, hoje, o Instituto Nacional do Negro, que iniciará as suas atividades com um Seminário Grupoterapia.

Não desejo roubar o tempo da audiência para expor o programa dêste novo Departamento de estudos e pesquisas do T. E. N.

Seja-me permitido, entretanto, dizer algumas palavras sôbre o que se pretende com o Seminário de Grupoterapia. A idéia dêste seminário nasceu da constatação, confirmada em numerosas pesquisas realizadas entre nós, de que o ressentimento é uma das matrizes psicológicas mais decisivas do caráter do homem de côr brasileiro. Não é esta ocasião para descer a detalhes, sôbre êste assunto. Mas é do conhecimento de todos que há entre os nossos homens de côr várias espécies de animosidade. Entre outras, há a animosidade do negro de status inferior contra o negro de status superior, do negro contra o mulato e dêste contra o negro e, ainda, em quasi todo homem de côr parece existir uma certa tendência a explicar os seus insucessos sociais, entre os brancos, em têrmos de preconceito racial, quando muitas vêzes tais insucessos são resultantes principalmente de sua despreparação cultural.

Êste ressentimento é um precipitado emocional da estrutura da sociedade republicana brasileira.

Êle é, embora em menor grau, da ordem daquela dinamite psíquica que na Revolução Francesa impulsionou a plebe contra a nobreza espúria. Em seu famoso livro, o **RESSENTIMENTO NA MORAL**, diz MAX SCHELER que a enorme explosão de ressentimento que se manifestou na Revolução Francesa contra a nobreza e os estilos de vida que se relacionavam com ela, assim como a formação dêste ressentimento em geral, seria completamente inconcebível, se esta nobreza não estivesse formada em mais de 4/5 de sua composição nominal (segundo os cálculos de WERNER SOMBART, em **LUXO E CAPITALISMO**) por plebeus que, por compra dos bens nobiliários, se apoderaram dos títulos de nomes de seus possuidores e se seu sangue não estivesse dissolvido por enlaces de conveniência.

Ora, como o plebeu saído dos "estamentos" medievais, o negro é um recém egresso da escravidão. Há sessenta e um anos atrás, não funcionava para o negro escravo o princípio da competição social. Até aquela época, o negro tinha moldado "seus hábitos de pensamento e de agir pelo sistema da escravidão". A sua definição do mundo era, por assim dizer, quietista. Isto é, a sociedade lhe parecia um esquema definitivo, em que era perfeitamente legítimo que as funções sociais fôsem transmitidas por herança. Os negros aceitavam seu próprio status inferior como uma parte da ordem da Natureza e desenvolviam as atitudes, sentimentos, lealdades e crenças que se ajustavam ao seu status inferior. Eram, até então, não apenas escravos no corpo; mas psicologicamente escravos. Sem as atitudes mentais apropriadas nenhum grupo pode ser mantido em regime de escravidão. Nenhum sistema de escravidão pode ser mantido apenas na base da força física. A lei de 13 de maio de 1888 não podia mudar a estrutura do caráter do negro de um momento para outro.

Ela o tornou juridicamente igual a todos os cidadãos brasileiros. Mas, efetivamente o seu novo direito era uma abstração. Por outro lado, a estrutura do caráter do negro teve de modificar-se, sob o influxo da nova ordem social. Assimilou o novo sistema de concorrência social que, no dizer de SCHELLER "é um sistema em que as idéias relativas às funções e seus valores se radicam na atitude de todos desejarem ser mais e valer mais em tudo". Todo "pôsto" passa a ser um ponto de transição nesta caça geral. O negro deixou de ser um quietista para ser um "aquisitivo". Passou a ser "igual" ao branco, e quando experimentou sê-lo sentiu a sua própria impotência. O seu ressentimento se originava daí, desta contradição.

Se a igualdade jurídica do negro fôsse equivalente a uma igualdade econômica, e cultural, o seu ressentimento, pelo menos, o social, teria sido escasso.

São oportunas a êste propósito as palavras de MAX SCHELER. Diz o sociólogo : “O ressentimento será escasso — e o tem sido — por exemplo : em uma organização da sociedade em castas, como a que existia na Índia; ou em uma organização de classes rigorosamente articuladas. A máxima carga de ressentimento deverá corresponder àquela sociedade em que como a nossa, os direitos políticos — aproximadamente iguais — e a igualdade social, públicamente reconhecida coexistem com diferenças muito acentuadas no poder efetivo, na riqueza efetiva e na educação efetiva; em uma sociedade em que qualquer indivíduo tem direito a comparar-se com qualquer um sem, contudo, “poder comparar-se de fato”. A própria estrutura social neste caso implica uma poderosa carga de ressentimento.

Ora, o T. E. N. já é, em essência, um centro de grupoterapia, ou seja, uma sociedade em que brancos e mulatos se reúnem simpateticamente; uma sociedade, portanto, em que os homens de cor têm oportunidades de se libertarem experimentalmente de suas tensões emocionais. A grupoterapia é, nada mais, nada menos, que isto. O que se pretende no Instituto Nacional do Negro é dar um conteúdo sociológico ao que o T. E. N. vem pondo em prática de maneira intuitiva, e, ao mesmo tempo, empregar de maneira mais extensa, esta nova técnica social, largamente aplicada na última guerra.

Iniciativas como esta definem o T. E. N. Muitos homens de cor como também muitos brancóides gostariam que êle fôsse animado de truculência. Não nos confundimos com aqueles que fazem indústria do ódio e do ressentimento. O integral sucesso de nossa iniciativa depende, entretanto, de que, como diria Alioune Diop, os poderosos despertem de sua indiferença e de seu egoísmo e reconheçam aquilo que o gênio e a vontade do T. E. N. oferecem à sociedade brasileira de mais singularmente construtor.

O Museu como sucedâneo da violência

GUERREIRO RAMOS

(Discurso pronunciado por ocasião
da instalação do Museu do Negro)

UM milagre está acontecendo neste país. Homens de orientação e formação as mais diversas, que ontem se ignoravam deliberadamente e talvez até se odiavam, encontraram um motivo, uma causa que está anulando as suas diferenças e idiossincrasias e integrando-os num movimento coêso.

É de estarrecer realmente, o que acontece. Desta vez não há empregos a repartir, não há dinheiros a administrar, não há camisas nem insígnias para distinguir ninguém e, entretanto, estamos simpateticamente reunidos.

O nosso movimento ultrapassa tôda condição circunstancial : a condição partidária, a condição religiosa, a condição profissional e, principalmente, a condição racial.

Há, entre nós, homens de vários partidos, de diversas mentalidades religiosas; doutores, operários, artistas; negros, mulatos e brancos.

Mais fundas do que qualquer daquelas condições são certas afinidades eletivas, certa subjetividade que se exprime em tôda uma herança artística, cultural e social. Nesta subjetividade nos reconhecemos.

Mas não bastaria êste reconhecimento para nos unir. A êle se acrescenta uma generosidade, um desejo de elevar o nível cultural dos homens de côr dêste país, extinguindo os equívocos em que grande parte dêles laboram, corrigindo os seus vícios de conduta, oferecendo-lhes ensêjo de melhor realização de suas potencialidades.

Neste sentido é que não hesito em dizer que no Teatro Experimental do Negro está formando-se uma *intelligentsia*, uma elite.

Ora uma *intelligentzia*, uma elite é, sobretudo, uma espiritualidade e uma missão.

De nossa forma espiritual temos dado os testemunhos mais eloqüentes. Nosso Teatro é, no gênero, a iniciativa de maior vitalidade, de mais alto nível artístico e de maior complexidade e consistência ideológica, em nosso meio. (Nem parece o que ordinariamente se chama de "coisa de negro". Numa certa acepção, êle é uma das realizações mais "brancas" do Brasil).

A nossa missão é instalar na sociedade brasileira mecanismos de integração social dos homens de côr, é transformar a luta de classes num processo de cooperação, é desenvolver nos homens de côr os estilos de vida das classes superiores.

A cerimônia de hoje confirma êstes propósitos. Estamos instalando o nosso Museu do Negro. Que pretendemos com isto ?

Não é simplesmente uma reverência patética aos objetos de festa, de culto e de trabalho de uma raça.

A idéia de um Museu do Negro implica a convicção de uma superação histórica e social. Só se coloca num Museu o que está ultrapassado, o que deixou de ser efetivo, o que se aposentou da vida.

Queremos um Museu do Negro como um processo pacífico e subreptício de transformação social e espiritual, como um sucedâneo de práticas policiais contraproducentes.

É com iniciativas desta ordem que esperamos ganhar a confiança dos poderosos desta terra. Que êles reconheçam em nosso movimento uma expressão de elite, um princípio de equilíbrio e de harmonia social.

Confiamos a direção do Museu do Negro a um dos mais reputados etnólogos do Brasil, o professor Joaquim Ribeiro, depositário de uma tradição ilustre, um estudioso que, sendo adestrado na melhor e mais moderna metodologia científica é também possuidor de uma profunda intuição estética. O Museu do Negro está, portanto, em boas mãos.

Objetivos do Museu do Negro

JOAQUIM RIBEIRO

(Discurso pronunciado na Associação Brasileira de Imprensa a 26 de janeiro de 1949)

A grave incumbência que acabo de receber do Instituto Nacional do Negro, não é pequena, bem o sei. Nela reconheço uma grande responsabilidade científica que ocultar seria senão uma falsa modéstia ou pelo menos uma falsa compreensão do difícil encargo.

Tão ampla é a tarefa a enfrentar que, desde já, apelo para a contribuição do ilustre professor Edison Carneiro, figura representativa entre os especialistas em Antropologia Cultural no Brasil — contribuição tão indispensável e valiosa que, sem ela, não poderei levar a efeito o programa da organização do Museu do Negro.

Tenho certeza, porém, que o professor Edison Carneiro, com o alto senso de solidariedade e a sua vocação para os estudos dessa ordem, não me negará o seu apoio.

Aceito, pois, condicionalmente, a lisonjeira indicação do Instituto Nacional do Negro, de modo tão admirável dirigido e orientado pelo eminente sociólogo, professor Guerreiro Ramos, nome que honra a cultura brasileira perante a América e dignifica a sua raça perante o mundo.

O Museu do Negro é um setor de estudo que se vai formar — estudo objetivo, crítico por excelência e eminentemente documental.

Os seus fins são, na verdade, desinteressados; não tem outro propósito senão estudar objetivamente o negro *tal como foi e tal como é*.

Embora reconheçamos que um dos mais valiosos alvos do movimento social que o Instituto Nacional do Negro empreende

é o da recuperação do negro em diversos sentidos, económico, intelectual, político, artístico etc., devemos frisar que a ação do Museu do Negro não se imiscuirá *diretamente* nesse programa normativo, cingindo-se a sua ação unicamente a contribuir com os *dados objetivos*, porventura, solicitados.

O Museu do Negro não será mais do que um laboratório de pesquisa permanente. E já é muito circunscrever-se a esse plano de observação científica.

Como tal, deve estar isento de contactos "políticos" quer no mau sentido, quer mesmo no bom sentido, que dermos aos termos, pois é necessário que as tarefas científicas fiquem à cavaleiro da extrema variabilidade dos climas políticos.

Por outro lado, o novo centro de pesquisas negras não transigirá com a atmosfera romântica que os pontos de vista sentimentais, geralmente, provocam. E no que tange ao estudo do negro brasileiro chega às raias de exageros condenáveis e de excessos deploravelmente desarrazoados.

É necessário insistir nesse ponto, pois, quase sempre parte do próprio elemento negro esse sentimentalismo desfigurante da realidade. Isso não quer dizer que também não haja brancos, suscetíveis de tais obnublações emotivas.

Outro sofisma que devemos combater é o que reduz o influxo negro ao que é, evidentemente, negro.

Nosso trabalho vai além e vai demonstrar que o influxo negro se estende, diluído e, às vezes, metamorfoseado, a muitos comportamentos, usos, costumes e atitudes dos brancos.

Esta parte é, repito, importantíssima, pois vem esclarecer muitos aspectos de nossa psicologia social, ainda não interpretados devidamente.

Dou, aqui, um breve exemplo.

O nosso Código Civil foi elaborado inegavelmente à luz das mais modernas doutrinas civilistas.

Projeto inicial do admirável Jurisconsulto Clóvis Beviláqua, o nosso Código não poderia deixar de refletir a grande influência do civilismo germânico, que foi a fonte predileta de seu modelador. E, apesar das emendas sofridas na Câmara dos Deputados e no Senado, o Código Civil Brasileiro tem muita coisa de europeu.

Há um ponto, porém, em que o nosso Código se afasta da legislação européia, inclusive das próprias leis lusitanas e do próprio Direito Canônico da Igreja. É o ponto em que postula maiores impedimentos para o casamento entre colaterais.

Ora, por que o Código, tão europeisante, se afasta aqui, da tradição européia ?

É que, nesse ponto, os legisladores se deixaram dominar sem dúvida, por uma sobrevivência da exogamia, tão comuns nas tribus negro-africanas, sobrevivência esta consubstanciada na superstição de que quem casa com parente próximo é infeliz e terá prole aleijada...

De fato, os negros de um mesmo clan totêmico não se casam entre si. É o que chamam *isobongo*.

Dai a exogamia que, entre eles, prevalece.

Trazidos para o Brasil, os negros transmitiram ao branco o *tabú do parentesco* que se perpetuou na referida superstição.

Esse exogamismo do negro, sobretudo do negro bantú, que veio para o Brasil em maior número, teve uma grande influência social e, aliada ao matriarcalismo também predominante entre os bantús, constituiu uma verdadeira atenuação na luta entre a classe oprimida e a classe dominante.

Aquí, entretanto, queremos apenas fixar um exemplo da amplitude do campo de pesquisas do Museu do Negro.

Quer no campo da Antropologia física, quer no campo da Antropologia cultural, realizaremos, na medida das possibilidades, um levantamento do que foi e é o elemento negro no Brasil.

Como passo inicial da formação do Museu do Negro, organizaremos a "I EXPOSIÇÃO DO NEGRO", que será realizada, nesta capital, oportunamente.

* * *

Naturalmente, é possível que alguém esteja curioso por saber porque me foi oferecida a honra de organizar o Museu do Negro.

Os méritos que me foram atribuídos pelo preclaro presidente do Instituto Nacional do Negro não ultrapassam, na verdade, os de outros estudiosos, alguns dos quais com a vantagem de integrados na raça.

Há, todavia, uma razão perfeitamente compreensível.

Foi João Ribeiro quem primeiro lançou a idéia de um museu do negro. No livro "O elemento negro", em que reuni numerosos escritos de meu pai sobre o negro africano em nosso país, encontra-se um artigo em que se preconiza essa fundação.

Como filho e esforçado continuador da obra de João Ribeiro, fiz jus a dirigir a instituição que a alta visão paterna já ideára. Daí a sugestão do meu nome, lembrado por Abdias Nascimento, ilustre líder do movimento negro em nossa terra.

Justamente por isso, aceito o honroso encargo e, mais uma vez, dirijo um apêlo a Edison Carneiro, cuja ajuda é indispensável nesta organização, a fim de que, com o seu prestígio de especialista, enobreça o nosso trabalho e o nosso propósito construtivo.

O século da questão racial

DR. ESTANISLAU FISCHLOWITZ

(Artigo publicado no periódico
"Quilombo")

TUDO leva a crer que o século vindouro será o século da questão racial, do mesmo modo como o século passado foi denominado, com tôda a razão, como século da questão social. O que temos em mente é o prazo dos próximos 100 anos : 1950-2050. Na história moderna configuram-se períodos delimitados por meados de séculos, como por exemplo o século da civilização madura capitalista e o da democracia política : 1850-1950, de modo muito mais marcante de que os séculos nominais : XIX ou XX.

Quem está acompanhando com atenção o curso do desenvolvimento da humanidade, o que se passa no fundo e não apenas na superfície dos acontecimentos, não pode deixar de notar a transformação revolucionária que se opera atualmente nas relações entre o Velho Mundo e o Novo Mundo e as partes restantes do globo. Essa evolução, apressada no seu decurso pelas duas guerras mundiais, mas não provocada exclusivamente por êsses últimos grandes conflitos bélicos, não pode deixar de exercer, por sua vez, influência profunda sôbre a revisão radical do equilíbrio interracial dos tempos passados.

O declínio da Europa dividida por uma fronteira rígida e formal, a famosa Cortina de Ferro, em duas Europas, a ocidental e a oriental e a estrondosa falência do imperialismo colonial europeu, sob tôdas as suas formas, são sintomas mais importantes de caráter negativo do fim da predominância da raça branca e do seu berço : do Continente europeu. Outros fatores positivos dessa enorme reviravolta — no fundo, o reverso da mesma medalha — é a emancipação política de uma parte considerável da Ásia (Índia, Indonésia, Paquistão,

Ceilão, Birmânia e plena independência dos países árabes) e da África (Egito, restabelecimento da soberania da Etiópia, sorte das ex-colônias italianas), a completa revisão do Estatuto político e econômico daquilo tudo que ficou do antigo sistema colonial das potências européias (União francesa, remodelação revolucionária do sistema colonial britânico — mesmo fora dos Domínios), o famoso ponto 4 do Presidente Truman que beneficia áreas atrasadas, tôdas em população racialmente mista, planos de fomento regional do continente africano e, enfim, — por que não dizê-lo? — o aparecimento, pela primeira vez na história mundial, de uma grande, uma das duas maiores potências, da URSS, que não é um país europeu nem branco, mas, sim, país mais asiático de que eurasiático, país racialmente misto: cada vez menos “caucasiano” e cada vez mais mongólico, liderado por um georgiano: Yossip Vassarianovitch Dzugushivili Stalin (1).

A revolução das relações internacionais e interracialis que se delinea claramente no horizonte dos meados do século XX não é apenas consequência do deslocamento do centro da economia mundial de um a outro Continente, resultado inevitável e natural dos graves conflitos bélicos. Tem incontestavelmente raízes muito mais profundas. Pode ser considerada, antes de mais nada, como fatal decorrência das pressões sociais, da luta pela obtenção dos mais altos padrões de existência. Do mesmo modo como aumentam e se tornam mais violentas e agudas no plano social interno as reivindicações das classes baixas da coletividade nacional, assim também no plano internacional os países proletários revoltam-se cada vez mais contra os países-burgueses, reclamando maior parte na divisão das riquezas. Ora, acontece que êsses segundos países os “*Beati Possidentes*” são, quase sem exceção, países da raça caucasiana e da côr de pele branca, para usarmos êsses têrmos correntes, sem lhes atribuirmos, evidentemente, qualquer exatidão científica. Essa fôrça motriz preponderante da emancipação das raças não suficientemente desenvolvidas apresenta um traço de ligação entre a contemporânea questão social e a racial.

(1) — “É um engano dos geógrafos representá-la como membro da família européia”, escreveu Puchkin em sua carta ao Príncipe Vyazemski, em abril de 1825.

Mas isso não é ainda tudo. Deve haver outros fatores poderosos, de ordem ideológica e moral, que atuam nesse sentido. Não é possível apontar uma determinada corrente doutrinária responsável com exclusividade pelas realizações da democracia racial. É, todavia, possível afirmar que o igualitarismo, denominador comum do acervo político-social da era moderna, contribuiu decisivamente para o êxito do movimento de emancipação das raças dominadas até então pela supremacia branca. Os visíveis progressos não somente sócio-econômico e culturais como também políticos, realizados ultimamente num ritmo assombroso por esses povos, raças e Continentes, deve-se principalmente à fragorosa derrota da doutrina racista, erigida pelo movimento nazi-socialista alemão num dogma sacrossanto e aplicada impiedosamente durante 11 anos por Hitler e seus satélites. Eis uma verdadeira ironia da história moderna: talvez, sem aberração extremista do racismo nazi, filho espúrio da doutrina de Gobineau e Chamberlain, e sem demonstração prática das loucuras a que levaram os seus princípios nunca seria possível a vitória da antítese dêsse movimento: da igualdade interracial. Seria prematuro considerar como extirpados todos os vestígios do racismo nazi-fascista; tudo leva porém a crer que como doutrina mestre da política internacional ela desapareceu, de uma vez para sempre, da arena mundial.



Seja-me lícito lembrar um episódio desconhecido e particularmente saboroso da história recente e tão movimentada do racismo alemão a que assisti pessoalmente e que põe em relêvo, de modo particularmente manifesto, o ódio nutrido pelo III Reich contra o Brasil, considerado portá-voz mundial da democracia racial.

Foi no verão de 1933, alguns meses depois de ter Hitler assumido o poder. A tensão em Genebra, na Conferência Internacional do Trabalho, foi enorme. Com efeito, estávamos esperando a estrêla do Governo nazi na arena internacional que, pela primeira vez, após o recente golpe, deliberou tomar parte numa conferência internacional. Quem apareceu como representante do Governo alemão foi o famigerado ministro Ley, chefe da Frente de Trabalho, incorrigível alcoólatra, um dos mais reles e abjetos figurões do nazi-socialismo cujas atitudes imprevistas e brutais inspiravam as mais graves preocupações mesmo no seio da delegação alemã.

Todavia, o primeiro discurso de Ley ultrapassou as mais sombrias expectativas... quando, titubeando sob o visível efeito de Schnaps engulido, subiu à tribuna da Sala de Reformação, começou no meio de silêncio glacial o seu discurso — com o ataque violentíssimo, cheio dos maiores desaforos, destituído de quaisquer paralelos na vida internacional genebrina, contra os países da América Latina e o Brasil, em primeiro lugar.

“É inacreditável” — gritou, gesticulando, com fúria o bêbado ministro do Terceiro Reich — “que eu, representante da Alemanha, não tenha senão o mesmo voto que compete aos países semi-selvagens de negros da América do Sul, como o Brasil” (“halbwilden Negerstaaten Suedamerikas”).

É impossível descrever o espanto misturado à surpresa com que a Assembléia composta dos representantes de 48 países do mundo inteiro ouviu as palavras de Ley. Depois de alguns segundos irrompeu na sala superlotada um temporal a que nunca antes e nunca depois pôde-se assistir numa reunião internacional. Dezenas de delegados aproximaram-se da Tribuna no visível propósito de proceder a um lynch do alucinado racista que, talvez pela primeira vez na história do lynch, seria um castigo justo e bem merecido. A reunião foi interrompida, Ley — forçado pelo Auswertiges Amt (Ministério das

Relações Exteriores), a seguir, poucas horas depois, de avião, a Berlim para apresentar um relatório pessoal a Hitler. O incidente foi silenciado na imprensa mundial no intuito de prevenir o escândalo sem precedentes e só alguns meses depois revelado por um jornalzinho socialista de Dantzig, naquele tempo ainda cidade livre.

Confesso que não entendi as profundas raízes daquele incidente. Depois de encerrada a reunião dirigi-me imediatamente a Ley e perguntei-lhe com tóda a franqueza : "Afimal de contas, Ley, por que você escolheu, como tema da inauguração na ampla arena internacional do Govêrno de Hitler, e ainda no ambiente ultraliberal e democrático do BIT, o ataque contra o Brasil ? Francamente, vocês não têm maiores inimigos no mundo ?" A resposta de Ley foi para mim uma revelação completa :

— É preciso tornar as coisas bem claras e patentes : Apesar das aparências contrárias, o inimigo n.º 1 da nossa corrente nacional-socialista é, justamente, o Brasil. É êsse país, e alguns outros da América Latina, que constituem a própria antítese da nossa ideologia racista com sua mesclagem programática, com suas idéias malucas de democracia racial. Temos de acabar com êsse maior perigo para com o nosso conceito de supremacia da raça branca, raça pura, raça líder.



Será que o Brasil deveria aceitar êsse desafio do racismo ? Falar da "missão" de uma Nação relembra um tanto os misticismos da historiosofia dos tempos passados. Entretanto, é de se indagar se realmente o Brasil não reúne vários elementos objetivos graças aos quais poderia assumir a missão de

liderar, com êxito de antemão assegurado, o movimento da emancipação racial perante a qual se abrem no momento, nos primórdios do século da "questão racial", perspectivas das mais interessantes e promissoras.



A maior tragédia do movimento emancipador racial é, a meu ver, o fato de que a solução da questão das relações interraciais cabe num período no qual não foi ainda possível resolver em sua íntegra a questão anterior, a questão central do século passado, a questão social. Atravessamos um período de plena revolução social, intimamente relacionada com a luta política entre a democracia e o comunismo, entre o Oeste e o Este. Nessa guerra a solução do problema racial fica desvirtuada para servir a finalidades e objetivos completamente alheios. Ambas as partes em causa atacam essa questão à procura da sua doutrina racial e de seu programa de ação. A assistência econômica às áreas pouco desenvolvidas, a revisão do colonialismo, das suas bases políticas e econômicas, o novo estatuto dos territórios dependentes, segundo o eufemismo atualmente tão em moda, proclamação da independência de vários países considerados maduros para a sua vida própria e o sistema de tutelas — sucessor do "mandato internacional" da Liga das Nações — eis os principais elementos da campanha do campo da democracia. Seria prematuro fazer o balanço dessa nova política internacional dos países do Ocidente, relativamente recente, às vezes atrasada e ainda não coroada de pleno sucesso. A revolucionarização dos povos coloniais contra o imperialismo ocidental — eis, por sua vez, o lema da soviocracia; a emancipação da "escravidão imperialista" termina porém na Ásia, na esfera de influência soviética, com a submissão mais impiedosa possível desses povos à ditadura de Moscou.



É bom compreender tôda a gravidade do problema que enfrentamos e que toca às próprias bases da existência da humanidade.

Não adiantarão mais em nada paliativos insignificantes e inexpressivos. E não resolverá nada a "invenção histórica" do Monobenzyl (ether hidroquinome), substância capaz de modificar a côr da pele. O problema racial fica não restrito à superfície, à própria côr da epiderme...

*Convocação e Temário do I Congresso
do Negro Brasileiro*

A Conferência Nacional do Negro, considerando a conveniência de se continuar o estudo das questões referentes ao negro e em geral ao homem de côr, em reunião democrática, resolve convocar o I Congresso do Negro Brasileiro, iniciativa do Teatro Experimental do Negro, comemorativo do centenário da abolição do tráfico de escravos, entre os dias 26 de agosto e 4 de setembro de 1950, no Distrito Federal.

A Conferência Nacional do Negro convida os escritores, os historiadores, os antropólogos, os folcloristas, os musicistas, os sociólogos e os intelectuais em geral a prestigiar, com a sua colaboração, a realização do Congresso, e pede a cooperação de negros e mulatos, homens do povo, para que o Congresso possa ser representativo das aspirações e tendências gerais da população de côr.

A Comissão Organizadora da Conferência Nacional do Negro, transformada, em virtude desta resolução, em Comissão Central de Coordenação do Congresso, ficará incumbida de nomear, para cada Estado e para o Distrito Federal, Comissões de Preparação locais, que farão a propaganda do Congresso e encaminharão, à Comissão Central de Coordenação, teses, comunicações e sugestões de interessados no certame.

A Comissão Central de Coordenação expedirá as instruções necessárias, preparará o regimento do Congresso e tomará providências para a sua realização na data prevista.

GUERREIRO RAMOS
EDISON CARNEIRO
ABDIAS NASCIMENTO

L

HISTÓRIA

I — Os elementos negros importados. O tráfico de escravos. Distribuição dos africanos no país. Números do tráfico. Estatísticas da população escrava nas províncias. A migração interior de escravos (tráfico interno).

II — Castigos de escravos. Deformações conseqüentes do trabalho escravo. O escravo nas plantações de cana de açúcar, de café, de algodão. O trabalho nas minas. O trabalho doméstico.

III — Os quilombos e as revoltas de escravos. Palmares. Os negros malês na Bahia. Os balaios. O movimento de fuga das lavouras paulistas.

IV — Contribuição do negro à abolição e à campanha abolicionista. Luiz Gama e José do Patrocínio. As juntas de alforria.

V — O valor do escravo, na África e no Brasil. Os mercados de escravos. As crias.

VI — Os Terços de Homens Pretos (os Henriques). Colaboração do negro na luta contra o invasor holandês. O negro na guerra do Paraguai. O negro nas bandeiras. O homem de côr na Inconfidência Baiana (1798). Contribuição do negro à Independência. Participação do negro nos movi-

mentos populares de 1822 a 1849. João Cândido e a revolta da Armada (1910). O negro e a FEB.

VII — Figuras eminentes de negros.

VIDA SOCIAL

I — Condições gerais de vida da população de côr. Caracterização social da população negra. Distribuição social e espacial da população de côr.

II — Aspectos demográficos. Crescimento da população de côr. Estado e movimento da população de côr. Natalidade e mortalidade. Mortalidade infantil. A população de côr segundo os recenseamentos da República.

III — Sistema de vida da população de côr. Hábitos alimentares. Habitação. Profissão. Higiene. Educação. Relações sexuais. Poder aquisitivo. Associações culturais, recreativas e beneficentes. Jogos e passatempos. Condições de trabalho.

IV — Aspectos patológicos da população de côr. Criminalidade. Vadiagem, alcoolismo e prostituição. Doenças frequentes na população de côr. Doenças trazidas da África.

V — Status social do negro. O negro e o mulato na literatura, nas ciências e nas artes. O negro nas cidades e nos campos. As favelas. O negro nas forças armadas. O negro e o mulato na Igreja, nas profissões liberais, na indústria e no comércio. Migrações da população de côr. Padrões de vida.

VI — Assimilação e aculturação da população de côr. O contato de raças. Os subtipos resultantes do contato de

raças. Importância social e histórica do mulato. O intercâmbio sexual entre as nações africanas. A discriminação de côr, seus motivos, suas conseqüências, sua importância.

VII — Possibilidades de organização social do negro e do homem de côr, tendo em vista a elevação do seu nível cultural e econômico. Orientação vocacional do negro e do mulato. Desenvolvimento do espírito associativo.

SOBREVIVÊNCIAS RELIGIOSAS

I — A religião dos nagôs. A religião dos gêges. Os candomblés de caboclo. Macumba e Umbanda. O tambor de mina. Os parás. Os xangôs. A cabúla. Contribuição do negro à pagelança. Os ritos funerários. A feitiçaria e a adivinhação. O sincretismo religioso. Processos aculturativos das religiões do negro no Brasil.

II — Organização e funcionamento das casas de culto. Influência da casa de culto na vida civil. Os chefes de seita e sua importância para a população de côr.

III — O curandeirismo.

IV — A música, a dança e o canto rituais.

SOBREVIVÊNCIAS FOLCLÓRICAS

I -- Folgedos coletivos. Bumba-meu-boi. Quilombos. Maracatús. Afoxés. Rodas de samba. Makulêlê. Capitão de mato. O auto dos Congos. O frêvo. Batucadas. Os cordões carnavalescos. Escolas de Samba. O louvor a São Benedito.

II — Disputas dialogadas do negro e do branco. Pai João.

III — Formas de luta. A capoeira de Angola e suas várias formas. O batuque, os batuqueiros e a pernada.

IV — O negro e o mulato no folclôre nacional.

V — Os contos populares de procedência africana. As canções de trabalho.

LÍNGUAS

I — O nagô. O gêge. A língua de Angola e do Congo (quimbundo). O dialeto muçurumim. As línguas faladas nos anos da escravidão. As línguas faladas atualmente no Brasil.

II — Transformações do quimbundo, do nagô e de outras línguas no Brasil.

III — Modificações devidas às línguas africanas no português do Brasil.

IV — A língua falada e a língua cantada. Vocabulários.

V — Importância do nagô, do gêge e do quimbundo nas religiões e nas manifestações coletivas de origem africana em geral.

VI — Sobrevivências lingüísticas.

ESTÉTICA

I — O negro e a criação estética.

II — O negro e a escravidão como temas de literatura, poesia, teatro, artes plásticas.

III — Particularidades e sobrevivências emocionais do negro.

IV — Integração e participação do negro e do homem de côr na evolução geral das artes no Brasil.

V — A literatura, poesia, teatro, artes plásticas a serviço da causa abolicionista.

VI — As artes em geral como meio de valorização social do negro e do homem de côr.

★ Este livro foi composto e
impresso nas oficinas pró-
prias da Editora A Noite,
à Av. Rodrigues Alves, 435.
Rio de Janeiro — 1950.

PRESENCE AFRICAINNE

REVUE CULTURELLE
DU MONDE NOIR

Directeur : **Alloune Diop**

A PARAITRE pour son PROCHAIN
NUMERO SPECIAL : 8 - 9

LE MOND NOIR

sous la direction de : **TH. MONOD**
avec la collaboration de **J. Richard-Molard, L. Pales, J. G. Duchemin, C. Tastevin, Abou Siril, P. Tolémée, M. D. W. Jeffreys, P. Mercier, E. W. Smith, Janine Cantueru, A. Roux, G. Balandiar, Amandou Hampaté Bâ, Thanos Mengrells, Mamby Sidibé, A. Schaeffner, J. Rouch, Fily Dabo Sissoko, A. Prost, Marguerite Le Couer, Ch. Béart, L. M. Meyer, A. Serpos, Tidjani, M. Griaule, A. Adandé, Albert N'Goma, Melville J. Herskovits, L. T. Achille, R. Bastide, H. Labouret, W. R. Crocker, G. Mabille, Léopold Sédar Senghor.**

Tirage Limité en Raison du Prix de
Revient de ce Numéro luxueusement
présenté. Nombreuses illustrations
Inédites.

RETENEZ VOTRE EXEMPLAIRE en
souscrivant d'urgence au C. C. P. :

— PARIS 59.36.25. —

le numéro 480 Francs

16, rue Henri Barbusse, V ème.
DANton 78-57

TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Dir. Presidente: ABDIAS NASCIMENTO

Dir. Administrativo: MARIA DE LOURDES VALE NASCIMENTO

Dir. Cultural: EFRAIN TOMÁS BÓ

Órgãos do *Teatro Experimental do Negro* :

- a) — Instituto Nacional do Negro (Departamento de pesquisas sociológicas)
- b) — Conselho Nacional de Mulheres Negras (Departamento feminino)
- c) — Liga dos Amigos do T. E. N. (Departamento social)
- d) — Museu do Negro
- e) — Departamento de Alfabetização
- f) — Biblioteca e Discoteca
- g) — Departamento de Cinema
- h) — Departamento de Cursos:
 - 1 — Ballet infantil
 - 2 — Ballet de adultos
 - 3 — Teatro infantil
 - 4 — Arte de representar
 - 5 — Cenografia
 - 6 — Música e canto coral
 - 7 — Línguas
- i) — Centro de Orientação Vocacional
- j) — Departamento de Folelore

Sede : Rua Mayrink Veiga, 13 — 2.º andar
Rio de Janeiro — Brasil